

Pensar o futuro, reforçar a esperança!

Escatologia, reino de Deus e história

Claudio de Oliveira Ribeiro

“O Reino de Deus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até tudo ficar levedado”. (Lucas 13,18-19)

Resumo

Análise da situação religiosa atual no tocante às questões escatológicas. Apresenta conceitos básicos para o estudo da escatologia e para a relação entre salvação e história. Avalia as perspectivas demasiadamente intra-históricas da compreensão do Reino de Deus e indica que a noção do Reino para além a história é iluminação teológica fundamental para o tempo presente.

Palavras-chave

Reino de Deus – utopia – salvação – nova criação – ressurreição.

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica-RJ. Trabalha como professor de Teologia Sistemática da Universidade Metodista de São Paulo e do programa de pós-graduação em Ciências de Religião. É pastor da Igreja Metodista na comunidade de Jardim Santo André, Santo André-SP. Endereço eletrônico: claudio.ribeiro@metodista.br

Thinking of the future is reinforcing hope!

Eschatology, kingdom of God and history

Claudio de Oliveira Ribeiro

Abstract

This article is an analysis of the present religious situation concerning eschatological issues. It presents basic concepts for the study of Eschatology and for the relationship between salvation and history. It evaluates the over intra-historical perspectives of the understanding of the Kingdom of God and indicates that the notion of the Kingdom beyond history is a fundamental theological illumination for the present time.

Keywords

Kingdom of God, utopia, salvation, new creation, Resurrection.

Doctor of Theology by Pontifícia
Universidade Católica-RJ,
he works as a professor of
systematic theology at the
Faculty of Theology, Methodist
University in São Paulo, and as a
pastor in the Jardim Santo André
Community in Santo André, SP.
Electronic address:
claudio.ribeiro@metodista.br

¡Pensar el futuro, reforzar la esperanza!

Escatología, reino de Dios e historia

Claudio de Oliveira Ribeiro

Resumen

Análisis de la situación religiosa actual en lo que se refiere a las cuestiones escatológicas. Presenta conceptos básicos para el estudio de la escatología y para la relación entre salvación e historia. Evalúa las perspectivas excesivamente intra-históricas de la comprensión del Reino de Dios e indica que la noción de Reino que va más allá de la historia es iluminación teológica fundamental para el tiempo presente.

Palabras clave

Reino de Dios – utopía – salvación – nueva creación – resurrección.

Doctor en teología por la Pontificia Universidad Católica – RJ. Trabaja como profesor de Teología Sistemática en la Universidad Metodista de São Paulo y como pastor en la comunidad de Jardim Santo André, Santo André –SP. Correo electrónico: claudio.ribeiro@metodista.br

Introdução

Quando eu era criança, nos bancos da Igreja Metodista de Volta Redonda-RJ, ficava impressionado quando pregadores falavam com convicção sobre o futuro. Demarcavam nitidamente, por um lado, a realidade temporal – o aqui-e-agora, as fragilidades humanas vividas no tempo presente como a dor, o sofrimento, as angústias –, e por outro, a realidade por vir – escatológica, liberta das injunções da realidade humana e mundana, um tempo futuro de prazer, gozo e felicidade completa. Era o céu, para o qual todos poderiam ir num futuro, desde que aceitassem se tornar ‘crentes’ e seguir o padrão de vida adotado pela igreja. No futuro, estaria também o inferno para os que rejeitassem a possibilidade do céu.

O que vai ocorrer no futuro mobiliza a atenção das pessoas. Trata-se de indagação filosófica fundamental. Quem sabe o que ocorrerá no futuro – próximo ou distante – acumula poder de salvação e de dominação. Pode persuadir, agir em favor, interpretar o passado e o futuro. A teologia e a pastoral não puderam, historicamente, escolher se teriam ou não este poder. Deus, que está no futuro, no presente e no passado, se revelou. Partilhou com a humanidade os seus planos. Quem sabe desses planos está eleito, embora a destinação destes projetos de Deus seja universal, ou seja, para todos.

As temáticas sobre o fim do mundo ou sobre a vida após a morte – enfim, sobre o futuro – sempre estiveram presentes na vida das igrejas. No Brasil, as igrejas evangélicas, em função da mentalidade dos movimentos missionários e avivalistas que prevaleceu no século XIX, em especial nos Estados Unidos, receberam esta pregação. No campo católico há similaridades.

As ênfases pietistas e dualistas da pregação protestante foram acentuadas. As dicotomias individual/social, igreja/mundo, terra/céu, espiritual/material dificulta-

ram ou mesmo inviabilizaram uma intervenção positiva dos cristãos na sociedade brasileira que significasse esforços com vistas à transformação social no presente. Trata-se da visão majoritária dos primeiros pregadores, estrangeiros e nacionais, e essa foi a perspectiva que prevaleceu na formação das igrejas locais e paróquias. É possível dizer que este seria um primeiro e caudaloso ‘rio’ que deságua na realidade das igrejas hoje. A mentalidade das igrejas foi por ele formada.

À forte influência destas ênfases, juntou-se o fundamentalismo bíblico. Este, entre outros aspectos, não permitia que os crentes, ao lerem a Bíblia, descobrissem que a delicada tarefa dos primeiros cristãos de saber e pregar o futuro era uma aventura espiritual de intensa mobilização existencial, era um “salto no escuro”, eram atitudes de constante revisão. Na verdade, eles não sabiam de antemão. O futuro é de Deus e “um dia pode ser como mil anos”.

Com o tempo, comecei a desconfiar da visão de futuro que o pietismo, o dualismo religioso e o fundamentalismo haviam construído. Achava que se tratava de uma perspectiva medieval, pré-moderna; uma mensagem que se referia a um mundo escondido, invisível na sua parte mais importante, cuja promessa era a vida futura invisível, ganha com a renúncia da vida presente. Nesta época – final dos anos de 1970 – eu era adolescente, estava na faculdade, atuante nas atividades da igreja, mas começava a achar que Jesus não voltaria em breve, como ouvira anteriormente. Muitos fatos e movimentos ocorriam na sociedade brasileira e no mundo todo que se o futuro incidisse de forma iminente no presente, os valiosos esforços de promoção humana e mudança social poderiam parecer em vão. Comecei a me empolgar com outras coisas.

Nesse texto, estarão apresentados outros ‘rios’ teológicos que formam as margens do estudo da escatologia. Obvia-

mente, tudo como muita paixão, utopias particulares e visões de mundo específicas. Mesmo assim, espera-se oferecer uma contribuição didática para os estudos introdutórios da escatologia.

Após uma avaliação panorâmica da realidade sociorreligiosa no tocante aos temas escatológicos, serão indicados alguns pressupostos para o estudo da escatologia, com destaque para os temas relativos ao Reino e Deus e à salvação.

1. A realidade das igrejas, a teologia e o futuro

Considerando a escatologia escapista e dualista que foi anteriormente apresentada como um 'rio' que desaguou no Brasil, podemos também falar que há um segundo rio, não tão caudaloso assim, que forma a mentalidade das comunidades e de lideranças das igrejas no Brasil. Trata-se do engajamento social e político dos cristãos. É possível que haja consenso teológico para afirmar que esta perspectiva remonta às bases bíblicas do Êxodo, do profetismo em Israel e das experiências de diaconia e de martírio nas primeiras comunidades cristãs.

Ao longo da história, a visão teológica e pastoral que está delimitada pelas propostas de inserção dos cristãos em processos de transformação social obteve várias e diferentes conformações – o que merece um estudo à parte. Todas estas experiências foram vividas dentro das contradições e dos conflitos próprios de cada época e de cada contexto cultural.

No atual contexto eclesial brasileiro, a preocupação e a responsabilidade social dos cristãos é um fato. Por aceitação ou rejeição, a Teologia Latino-Americana da Libertação, por exemplo, forma, em parte, a mentalidade das comunidades locais, das instituições e das lideranças leigas e clérigas. As intuições desta corrente teológica

sempre contribuíram para o fomento de práticas diferenciadas da visão hegemônica "tradicional" já descrita. Neste sentido, participação dos cristãos nos movimentos sociais e comunitários, transformação social e construção do Reino de Deus são expressões recorrentes no interior das igrejas, variando de intensidade de acordo com a realidade de cada uma delas.

Todavia, não obstante a isso, mais do que a presença desta teologia foi marcante a influência do liberalismo teológico. Esta corrente, forte nos Estados Unidos e na Europa, especialmente no século retrasado, está presente no Brasil, embora um tanto quanto desfigurada em relação às suas bases teóricas. De alguma forma o "Evangelho Social", inspirado nas idéias de Walter Rauschenbusch (1861–1918) indicava, no Brasil, desde o início do século XX, suas pautas pastorais.

No campo da experiência judaico-cristã, as tensões entre fé e razão estão presentes desde os primórdios. Cada momento histórico expressou formas diferenciadas de tensão, mas foi, sobretudo, no século XIX, após os impactos do Racionalismo e do Iluminismo na civilização ocidental, que a teologia precisou enfrentar mais detidamente as questões relativas ao método científico. No referido século, o liberalismo teológico de Friedrich Schleiermacher (1768–1834), Albrecht Ritschl (1822–1899), Adolf Harnack (1851–1930) e outros, foi a expressão que mais fortemente demonstrou o interesse pela articulação entre fé e ciência, e entre teologia e história.

As ênfases da Teologia Liberal e os aspectos metodológicos principais dessa corrente formaram um criativo amálgama no qual houve uma dupla interação e influência mútua. Entre as ênfases do liberalismo teológico podem ser listadas: a busca de aproximação entre teologia e ciências e entre fé e racionalidade moderna; visão antropológica positiva, com forte expectativa em relação à educação como

possibilidade de promoção humana; relativização das perspectivas cristocêntricas e eclesiocêntricas com vistas à perspectiva universalistas e seculares; abertura para as questões próprias da relação Igreja e sociedade e a valorização do mundo como espaço do Reino de Deus; valorização da exegese bíblica e uma conseqüente visão histórico-crítica da Bíblia; aceitação dos valores culturais modernos; reforço das dimensões da individualidade e da subjetividade reduzindo a religião à esfera dos sentimentos; interpretação predominantemente ética do cristianismo, em especial em relação ao dado salvífico.¹

O liberalismo teológico foi encantador porque pregava o futuro que se avizinhava do presente. Acreditou-se que, de fato, “o Reino de Deus está próximo”. Era possível construí-lo, ver sinais cada vez mais nítidos e crescentes da implantação do Reino. Nessa concepção, o ser humano é bom, é realizador e o mundo caminha para a paz tão sonhada; a educação, uma vez propiciada a todos, possibilitará evolução social, conscientização ética e justiça social. Orquestrando todo este projeto utópico, estava a razão iluminista.

No senso comum das críticas oriundas dos setores pastorais mais conservadores no Brasil, ser liberal era não cumprir as leis da moralidade protestante como não fumar, não tomar bebida alcoólica e outras. Este reducionismo na crítica dificulta, por exemplo, se ensinar hoje nos seminários que o liberalismo teológico baseia-se no rigor ético. Também representa um estudo à parte as influências do pensamento teológico liberal para o contexto eclesial.

Se é possível lamentar a história, poderia-se fazer referência às duas grandes reações ao liberalismo, das quais apenas uma chegou ao Brasil: o fundamentalis-

mo. A outra – a neo-ortodoxia teológica – de Karl Barth (1886–1968), Emil Brunner (1889–1966), Dietrich Bonhoeffer (1906–1945) e outros, não foi sequer conhecida pelos líderes das igrejas no Brasil. Se a crítica teológica ao triunfalismo utópico do liberalismo, à sua escatologia intra-histórica, ao seu otimismo antropológico, realizada sobre as sombras e os escombros das guerras mundiais, da dor, da morte e da perseguição fossem ouvidas anteriormente, o entusiasmo progressista de muitos de nós poderia ter sido alimentado pela visão de que o Reino é de Deus e, por gratuidade e por despojamento divinos, ele chega até nós.

Em contraposição ao liberalismo, a conhecida neo-ortodoxia teológica ou Teologia Dialética, realçou, no século XX, outra metodologia teológica. As ênfases dessa corrente revelam a inovação que a reflexão teológica vivenciou. Entre elas destacam-se: o esforço em não aprisionar a reflexão teológica aos limites da razão, destacando para isso os elementos da fé, da graça e do absoluto; a visão antropológica negativa, baseada na corrupção humana resultante dos processos socioculturais; um destaque para o caráter cristológico e eclesiológico da reflexão teológica cristã; avaliação teológica permanente dos problemas sociais e políticos e as implicações deles para a fé cristã e para a Igreja; defesa da centralidade da Bíblia na vida da Igreja e na reflexão teológica, considerando os avanços da pesquisa e da exegese bíblica; crítica aos valores da sociedade a partir de uma correlação com a fé cristã; distinção entre fé e religião, destacando a primeira como elemento fundamental da vida, que chega ao ser humano como dádiva graciosa de Deus.

No entanto, o que interessa mais objetivamente nesta reflexão é que a perspectiva teológica liberal, em síntese e como tendência, trouxe as expectativas escatológicas para dentro da história, acreditou na “mão invisível” da educação e reduziu a espiritua-

¹ Não há abundante bibliografia em português sobre o liberalismo teológico. Para sínteses, veja: H. R. Mackintosh. *Teologia moderna: de Schleiermacher a Bultmann*. São Paulo-SP, Novo Século, 2002; e VV.AA. *Teologia e modernidade*. São Paulo-SP, Novo Século, 2005.

lidade à ética do seguimento de Jesus.

Alguns teólogos, líderes eclesiais e integrantes de movimentos pastorais beberam porções consideráveis da água deste rio. Todavia, no campo protestante, foi, sobretudo, o casamento da Teologia Liberal com a Teologia da Libertação que possibilitou o estabelecimento de um grupo e de práticas denominado usualmente como "progressistas", com a ênfase na "construção" do Reino. Tal perspectiva possui, direta ou indiretamente, a referência utópica do socialismo, que, por seu turno, é também intra-histórica.

A Teologia da Libertação, embora conte em seus primórdios (1968-1971) com uma produção de teólogos protestantes como Rubem Alves e José Miguez-Bonino, se desenvolveu mais no ambiente católico romano, em especial, a partir das práticas das Comunidades Eclesiais de Base e das Pastorais Setoriais. Isto não significa ausência de seus postulados na vida das igrejas evangélicas. Ao contrário, já se afirmou o grau de influência da Teologia da Libertação no contexto pastoral protestante.

O fato é que a novidade metodológica, o apelo de articulação entre teoria e prática, a experiência de leitura da Bíblia por grupos populares, e uma sensibilidade especial pela realidade desumana e opressiva vivida pelas populações empobrecidas geraram, na América Latina, entusiasmo e novas perspectivas eclesiais e sociopolíticas a partir da década de 1960.

Entre diferentes análises, pelo menos cinco pontos podem caracterizar a teologia latino-americana da libertação: (1) A práxis de libertação dos pobres e o compromisso evangélico de outros setores sociais com eles. A consciência dessa práxis gera uma nova linguagem religiosa e teológica, fruto da relação dialética entre práxis e teoria presente na metodologia desse novo pensar teológico. (2) A necessidade de análise científica da realidade social com o recurso da teoria da dependência e, posteriormente, com o que se denominou 'mediações

socioanalíticas'. (3) A consciência do condicionamento socioeconômico da teologia e da igreja e a crítica de ambos a partir da ótica da libertação histórica dos pobres. (4) A perspectiva de a reflexão teológica estar a serviço da transformação da sociedade, com indicações práticas e concretas de caminhos históricos de libertação sociopolítica. Nesse sentido, a Teologia da Libertação não se esgota no âmbito acadêmico. (5) O lugar central da economia na reflexão teológica para, entre outros aspectos, estabelecer uma crítica ao messianismo tecnologista, às relações entre capital e trabalho, e vislumbrar alternativas de cunho socialista.²

A "nova forma de ser Igreja" relacionada à Teologia da Libertação está vinculada às possibilidades de transformação social e política e possui como uma das referências centrais a busca por uma sociedade igualitária, participativa e firmada nos princípios bíblicos da justiça social. Tal proposta representa, desde os primórdios, uma contraposição ao modelo econômico capitalista, devido ao seu caráter excludente e concentrador de riquezas para grupos minoritários. Nesse contexto, a Teologia da Libertação – de Gustavo Gutierrez, dos irmãos Leonardo e Clodovis Boff, José Comblin, José Miguez-Bonino, Julio de Santa Ana, Elza Tamez e tantos outros – como elaboração teórica, procura compreender a realidade por meio de mediações científicas, julgá-la mediante a tradição bíblica, com destaque para o aspecto profético, e indicar uma nova inserção prática dos cristãos.

A ênfase intra-histórica da teologia latino-americana não esteve dissociada da reflexão escatológica.³ Todavia, o futuro sonhado não está tão perto como imaginávamos.

² Cf. Jung Mo Sung, *Teologia e economia: repensando a Teologia da Libertação e utopias*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1994.

³ Uma obra de referência é *Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1985, de João Batista Libânio e Maria Clara L. Bingemer.

As últimas décadas do século XX desafiaram enormemente os cientistas da religião. No caso das igrejas brasileiras, o leque de influências filosóficas e teológicas é tamanho que se torna árdua tarefa descrever o cotidiano doutrinário, teológico e prático de uma comunidade local. Para continuar com a metáfora, podemos dizer que muitos e diferentes 'rios' têm desagüado no mesmo lugar.

Em primeiro lugar, é necessário destacar que o processo de secularização vivido em meio à modernidade não produziu, como se esperava, o desaparecimento ou a atenuação das experiências religiosas. Ao contrário, no campo cristão as formas pentecostais e carismáticas ganharam apego popular, espaço social e base institucional, tanto no mundo evangélico como no católico. Outras religiões também vivenciam, no Brasil e no mundo, momentos de reflorescimento.

As novas formas religiosas são substitutas das tradicionais. Em certo sentido, elas, por possuírem propostas globalizadas e de resultados práticos e imediatos, respondem mais adequadamente ao mito moderno do progresso ilimitado (prosperidade). Elegem com nitidez inimigos e adversários, reais ou imaginários (como a 'Nova Era' e os desenhos de Walt Disney, por exemplo) e com isso mobilizam a atenção de muitos com a sedução de que é possível tornar o futuro presente.

Nas igrejas, por suposto, ainda correm as águas dos dois primeiros rios. Todavia, é sobretudo a proposta de saúde e de riqueza pessoais, a explicação religiosa das vicissitudes da vida e a melhoria (suposta) da qualidade de vida pessoal é que têm marcado mais substancialmente o cotidiano das igrejas. Parece óbvio afirmar que o crescimento desta proposta se dá no Brasil, em meio a um contexto de crescente exclusão e desigualdade social e de decréscimo dos índices de qualidade de vida.

São muitos os traços e nuances desta perspectiva, o que dificulta enormemente as sínteses. No entanto, sob o nome de Teologia da Prosperidade podem se agru-

par visões como a "Confissão Positiva" (não aceitação da fragilidade humana), o "Rhema" (poder direto de Deus concedido pessoalmente aos crentes), a "Batalha Espiritual" (deslocamento religioso para explicações dos projetos históricos) e a "Vida na Bênção" ou "na Graça" (transferência da escatologia para a vida terrena).

O fato é que esta perspectiva religiosa encontra-se em sintonia com o estágio de desenvolvimento do sistema capitalista. Se considerar o fato de que o socialismo real no final do século passado ruíu, entre outros fatores, pela incapacidade de prover o bem-estar social que estava no bojo de suas promessas utópicas e que o capitalismo, em sua face neoliberal, reforça as idéias de que é possível a satisfação pessoal a partir do consumo, as propostas religiosas de prosperidade reúnem as melhores condições para alargar as margens do seu rio. Nesse sentido, a reflexão escatológica ganha cada vez mais relevância e urgência.

Consciente da diversidade dos temas escatológicos e que, mesmo com a indicação dos principais deles, não se daria conta da complexidade situação religiosa a pouco descrita, passo a apresentar alguns aspectos introdutórios dos estudos escatológicos.

2. Identidade e pressupostos para o estudo da escatologia hoje

Primeira pressuposição: Reino de Deus e Salvação

A expressão "escatologia", como se sabe, está relacionada a dois vocábulos gregos: *éscathos* (= "último", "fim") e *logia* ("discurso", "tratado" "conhecimento"). Na visão bíblica, a pregação escatológica deve ser associada à mensagem da Boa Nova. Ela deve gerar esperança para

a vida das pessoas e grupos. Não se trata de algo que vá impor medo ou fazer com que as pessoas “escapem” da realidade da vida. O Apocalipse (revelação) é base da esperança e não de medo.⁴

Em sua *Teologia da Esperança*, Jürgen Moltmann afirma que a esperança

é chamada e capacitada para a transformação criadora da realidade, pois possui uma perspectiva que se refere a toda a realidade. Tudo considerado, a esperança da fé se pode tornar uma *fonte inesgotável* para a imaginação criadora e inventora do amor. Ela provoca e produz perenemente ideais antecipatórios de amor em favor do homem e da terra, modelando ao mesmo tempo as novas possibilidades emergentes à luz do futuro prometido, e procurando, na medida do possível o melhor mundo possível, porque o que está prometido é possibilidade total.⁵

Sabemos que as visões escatológicas surgem de interpretações concretas da história, tanto no período bíblico como em outros momentos da história, no passado e no presente. Tais visões devem cooperar para que as pessoas percebam mais adequadamente o amor e o propósito de Deus para o mundo.

A escatologia deveria nortear toda a estrutura da teologia e da ação prático-pastoral das igrejas. Nas palavras de Jürgen Moltmann: “O cristianismo é total e visceralmente escatologia, e não só a modo de apêndice; ele é perspectiva e tendência para frente, e por isso mesmo,

renovação e transformação do presente”.⁶ Nesse sentido, é possível afirmar que dependendo da visão escatológica, o conceito de missão, por exemplo, altera-se profundamente. Uma pregação que aponte simplesmente para o fim iminente do mundo, não tende a gerar maior comprometimento com a integralidade da missão, com a responsabilidade social da igreja e com uma atuação mais eficaz e positiva no mundo. A escatologia deve, ao contrário, entender onde Deus está atuando no mundo; deve sempre sinalizar uma esperança e um caminho a ser seguido. Ao mesmo tempo, a visão escatológica sempre relativiza (ou seja, não coloca como algo absoluto) o valor da história, no sentido de sempre apresentar um valor maior que vai além da realidade.

O conceito bíblico fundamental para a escatologia é o do Reino de Deus. Reino de Deus significa a *vontade* de Deus. Esse sentido bíblico se tornou obscuro por várias razões, em especial porque no livro de Mateus do Novo Testamento, por razões bem específicas da cultura judaica, não se usou o termo Reino de Deus e sim Reino dos Céus. Todavia, por razões fortemente pedagógicas, é importante frisar que são sinônimos. A expressão “dos Céus” é um substitutivo para “de Deus”, pois a comunidade judaica para a qual o livro de Mateus foi destinado não admitia utilizar o nome de Deus freqüentemente. Mas, como se sabe, o problema surgiu com a influência da mentalidade helênica (grega) no pensamento semítico (judaico). Enquanto para os judeus “céus” significava Deus, para os gregos significava uma realidade a-histórica, etérea, “nas nuvens”; lugar à parte onde os deuses reinavam soberanos. Mas, como a influência de pensamentos de origem grega se tornou forte, a palavra céus passou a ser (mal) compreendida como um lugar fora da realidade presente, etéreo, a-histórico. Mas, Reino dos Céus quer dizer a vontade e a soberania de Deus.

⁴ Para estudos introdutórios em escatologia, além das obras á citadas veja: Jürgen Moltmann. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*. São Leopoldo-RS, Unisinos, 2003; Alberto Fernando Roldán. *Do terror à esperança: paradigmas para uma escatologia integral*. Londrina-PR, Descoberta Editora, 2001; Oscar Culmann. *Cristo e o tempo: Tempo e história no cristianismo primitivo*. São Paulo-SP Editora Custom, 2003; Luiz Carlos Susin. *Assim na terra como no céu: brevíssimo sobre escatologia e criação*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1995 Reinold Blanck. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição*. São Paulo-SP, Paulus, 2000; Id. *Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus*. São Paulo-SP, Paulus, 2001.

⁵ *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. São Paulo-SP, ed. Teológica, 2003, p.43.

⁶ Id. Ibid, p. 22.

A palavra “reino” está relacionada, em um primeiro momento, à monarquia. A monarquia, como também sabemos, foi um desastre na vida do povo de Israel. É um tema que ficou ‘engasgado’ na história, pois foi uma experiência que gerou uma ambigüidade: ao mesmo tempo em que deu uma certa visibilidade para Israel, gerou também uma certa confusão entre Deus e a figura do rei. Vemos no Antigo Testamento que, de um modo geral, as pessoas não encontraram nos reis uma legitimidade vinda de Deus, especialmente por eles não praticarem a justiça. Dessa forma, o reino possuiu para Israel um significado escatológico importantíssimo no sentido de resgatar a legitimidade do rei no mundo. Criou-se, assim, muitas e variadas expectativas messiânicas de um rei que teria a legitimidade de Deus para “resgatar a sorte de Sião”.

O horizonte escatológico é utópico. A palavra “utopia” está relacionada à “topos” (lugar) [lembramos assim da palavra “topografia”, no estudo da geografia]. A partícula “u” refere-se à negação. Nesse sentido, em uma tradução literal seria “aquilo que não tem lugar”. Utopia tem o sentido de meta. Em geral, é usada nos livros como referência para a realidade histórica, para a vida. Por exemplo: a perfeição cristã é algo para ser alcançado, pois está entre o real e o não alcançado. A utopia cristã refere-se ao Reino de Deus, que já está presente, mas irá se realizar plenamente somente no futuro, que é incalculável.

A palavra utopia não pode ser compreendida como algo irrealizável, ainda que o sentido da palavra seja “o que não tem lugar”. A utopia alimenta e motiva a esperança para que a trajetória humana, mesmo com alvo desconhecido, seja construída passo a passo. A visão escatológica tem como um de seus papéis importantes o de orientar a vida de uma comunidade lançando perspectivas para que ela almeje alcançar os seus desejos mais profundos.

A escatologia representa uma forma das comunidades construírem, em linguagem religiosa, a reafirmação de seus sonhos e esperanças fundamentais.

Na visão bíblica, portanto, considerando tanto o Antigo como o Novo Testamento, o Reino de Deus possui um caráter duplo onde estão presentes os aspectos intra-histórico e trans-histórico. Trata-se da clássica afirmação escatológica do “já” e do “ainda não”. Ou seja, Deus está presente no “meio de nós”, mas ainda guardamos um momento final onde essa presença terá pleno reconhecimento.

A unidade da comunidade cristã, por exemplo, é uma antecipação da promessa escatológica do Reino de Deus que está presente entre nós, mas que somente experimentaremos de maneira plena na consumação dos tempos. É também um sinal da possibilidade de reconciliação entre os seres humanos e deles com Deus. Deus está acima de todas as coisas. A experiência real de ser alcançado por ele, não obstante as fragilidades e as imperfeições humanas, gera, para o ser humano, uma vivência de misericórdia, generosidade, liberdade e segurança. É necessário acreditar que a ação de Deus é possível diante das impossibilidades humanas e históricas. Isso gera na vida humana um sentimento de esperança – reserva escatológica sem a qual não se encontraria força para a caminhada cristã em busca do Reino de Deus.

Segunda pressuposição: História e salvação

A escatologia está relacionada à história e à doutrina da salvação. Em relação à primeira, temos a pergunta teológica fundamental que é “como perceber o amor e a presença de Deus olhando para os acontecimentos e processos históricos?” Ou seja, não se pode entender escatologia apenas como a reflexão sobre o fim (no sentido cronológico de término), mas é imprescindível que pensemos também so-

bre o fim (na visão kairológica de sentido, de objetivo, de significado maior e profundo) da história.

Em relação à salvação, é importante afirmar que tal experiência é o direcionamento da vida ao Reino de Deus, que questiona e desestabiliza a realidade presente. O futuro antecipado pela compreensão utópica e humana cria, com a dimensão lúdica, outro tipo de relacionamento com a realidade. O lúdico é uma forma de contestação e de desestabilização do presente, e sinaliza a infinitude e a misericórdia de Deus na subversão do real.

Falar em salvação mobiliza intensamente todos os seres humanos, independente de credos, culturas ou convicções políticas e filosóficas. Trata-se de algo decisivo, fundamental na existência humana, e que traz indagações e expectativas para todas as pessoas. No caso da reflexão teológica, a temática da salvação representa um 'divisor de águas'. A compreensão sobre o dado salvífico demarca os outros pontos teológicos, especialmente os prático-pastorais. As atitudes, valores e práticas das pessoas e grupos irão variar bastante, dependendo da visão que se tenha da salvação.

No interior das igrejas, há, ao menos, duas compreensões equivocadas sobre a salvação, bastante correntes, ambas sem base bíblica de sustentação. A primeira é a concepção *mera e excessivamente individualista* da salvação. A segunda é que a salvação é *exclusivamente* para um outro mundo.⁷ Para reverter esse quadro, formado com essas duas visões distorcidas, tendo em vista uma perspectiva salvífica mais substancialmente bíblica, vários esforços teológicos precisam ser feitos.

Nossa proposição é que uma teologia bíblica consistente corrige as referidas compreensões equivocadas sobre a salvação. A compreensão teológica, em con-

sonância com os escritos bíblicos, não se refere à salvação meramente individual, mas sim às dimensões pessoal, social e cósmica da salvação.

As perspectivas bíblicas no tocante à salvação, além de serem destinadas a toda a criação, estão fundamentadas a partir da experiência humana do risco, da dor, do sofrimento, da perseguição, do abandono e da morte. O ato salvífico de Deus dirigido ao ser humano está relacionado à proteção, à libertação, ao resgate, à cura, à justiça e à paz, tanto no sentido histórico como no escatológico.

A salvação é dom de Deus (cf. Salmo 44. 4, 7s), por isso é inútil manter uma confiança nas forças humanas. O pressuposto da concepção de salvação é que o ser humano é justificado. A justificação introduz um "apesar de" no processo de salvação. Apesar das ambigüidades e das limitações, o ser humano é aceito por Deus (graça) – e este também aceita esta situação (fé) – na medida em que se abre, reconhece seu caráter de alienação e de pecado, e deixa de olhar a si mesmo em sua condição autodestrutiva, valorizando o ato salvífico e justificador de Deus. Trata-se da afirmação neo-testamentária de que "não há distinção, pois todos pecaram e carecem da graça de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus". (Romanos 3. 23-24). A graça é o dom de Deus que contém todos os outros (Romanos 8. 32). Ela não torna os seres humanos somente objetos do amor de Deus, mas torna-os sujeitos também da graça, na medida em que suscita formas de generosidade e de amor da criatura que a recebe. O ser humano não está em condição de se chegar à própria salvação, mas, ao mesmo tempo, ele não é mero objeto – sem vontade ou capacidade – da ação divina. A graça de Deus atua na impossibilidade humana, sem deixar de considerar as suas possibilidades.

⁷ Cf. J. L. Idígoras. *Vocabulário teológico para a América Latina*. São Paulo-P, Paulinas, 193, pp.445-447.

Terceira pressuposição: a nova criação

A perspectiva *cósmica* e ecológica da salvação encontra-se ao lado e integrada às dimensões salvíficas *pessoal* (e não individual) e *coletiva*. As dimensões pessoal, coletiva e cósmica da salvação sintetizam o sentido bíblico da *nova criação*.

A ressurreição de Cristo representa a nova criação e a esperança de libertação presente em nossa realidade. Moltmann indicara que “a esperança cristã é uma esperança de ressurreição e demonstra a sua verdade pela contradição entre o presente e o futuro por ela visualizado, futuro de justiça contra o pecado, de vida contra a morte, de glória contra o sofrimento, de paz contra a divisão”.⁸

A concepção da ressurreição, entendida como nova criação (*big-crunch*, na linguagem científica), faz parte do plano salvífico de Deus para recriar a condição humana. A ressurreição de Cristo é uma expressão da nova criação da parte de Deus que se estende a todos/as que crêem. Com ela, recuperamos duas referências que nos tornam humanos na verdadeira aceção do termo: a) a postura de reverência e de gratidão ao criador, que é a única adequada em relação a quem nos agraciou com a vida; b) a postura solidária, baseada na justiça, que é a única adequada em relação à criação, na qual estamos inseridos.

As reflexões sobre a escatologia, evidentemente articuladas com a teologia da criação em geral e sobre o ser humano em particular, devem nos fazer olhar para a vida, tanto na positividade como nas limitações e dores. Dentro das ambigüidades da vida, tudo possui um destino transcendente e escatológico e “apesar de tudo, vale a pena viver”. A fé ajuda o povo a caminhar, não para uma catástrofe social ou cósmica, mas em direção a uma plenitude com o próprio Deus (cf. Apocalipse 21). E

também como afirmou Moltmann: “Esta presença da vindoura Parusia de Deus e de Cristo nas promessas do Evangelho do Crucificado não nos arranca do tempo, nem faz parar o tempo, mas antes fura o tempo e move a história; não é a negação do sofrimento por causa do não-ser, mas a aceitação e inserção do não-existente na lembrança e na esperança”.⁹

A afirmação de fé por excelência é que o futuro do mundo é o Reino de Deus, onde Ele será tudo em todas as coisas. O Reino já está presente em mistério aqui na terra. Todos/as são convidados/as dia-a-dia a usufruir dele.

E assim permanece a esperança...

As razões de esperança advêm da fé que é oferecida por Deus aos corações humanos. O tempo presente é para descobrir novos rumos, novas atitudes que possam sinalizar o Reino tão esperado e desejado. Nesse sentido, o cultivo de uma espiritualidade profundamente bíblica, de abertura e de despojamento à vontade de Deus apresenta-se como caminho ou como um ‘rio’ – para se retomar a metáfora inicial – escatológico fundamental. Trata-se de esperar por Deus ativa, mas pacientemente.

O discernimento do *Kairos*, como impacto da Presença Espiritual na vida humana requer, mais do que anteriormente, análises profundas da sociedade. Requer, igualmente, reflexão teológica, como possibilidade humana de anúncio do poder de salvação, de comunicação das boas-novas do futuro.

Todavia, estes esforços não criam automática e mecanicamente práticas de solidariedade e de libertação. É o Espírito de Deus que, como quer, assim o faz. Crer nisto é fonte de esperança e de mobilização pessoal e coletiva para o serviço cristão e para o discernimento das promessas escatológicas. Acreditar nelas é viver sem que se possa, para usar expressão *barthia-*

⁸ *Teologia da Esperança*. Op. Cit.; p. 25.

⁹ Id. Ibid. p. 39 [grifo meu].

na, chegar a Deus com as próprias mãos, assim como ele fez com a humanidade.

Bibliografia

LIBÂNIO, João Batista & BINGEMER, Maria Clara Lucetti. *Escatologia*

cristã: o novo céu e a nova terra. Petrópolis-RJ, Vozes, 1985.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. São Paulo-SP, Ed. Teológica, 2003.